

DOLOROSA COLHEITA



EDITORA
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 300 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

RICARDO ORESTES FORNI

romance espírita

**DOLOROSA
COLHEITA**



Capivari-SP
- 2013 -

© 2013 Ricardo Orestes Forni

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – dezembro/2013 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Augusto Benatti

REVISÃO | Sonia Rodrigues Cervantes

Ficha catalográfica elaborada na editora

Orestes Forni, Ricardo, 1947-

Dolorosa colheita / Ricardo Orestes Forni – 1ª ed. dez. 2013 – Capivari, SP : Editora EME.

192 p.

ISBN 978-85-66805-21-5

1. Romance espírita. 2. Aborto criminoso.
3. Consequências do aborto. 4. Semeadura e colheita.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO

Chico e Divaldo	7
Esclarecimentos	9
Conquista infeliz	11
Dedicatória	17
O fim	19
A culpa e a tomada	27
Ensinamentos de andré luiz	37
As visões continuam.....	45
Reflexos do passado.....	51
A semeadura continua	61
O diagnóstico	67
A médium vidente	73
A desencarnação	81
Recordações desesperadoras.....	89
O julgamento nos planos inferiores.....	95
A presença do bem.....	103
O encontro consigo mesmo	113
O socorro retorna	119
O relógio da vida.....	127
A partida.....	137
As lutas tornam-se difíceis.....	143
A solidão aumenta	149
Trinta anos antes	155

O sonho e a realidade165

Anexos

O menino da bicicleta171

Questionamentos à luz do espiritismo179

Referências189

CHICO E DIVALDO

Pensamos, como os amigos espirituais, que a existência de mães solteiras, sempre dignas do nosso maior respeito, envolve a existência de pais que não deveriam estar ausentes. Comprendemos a legitimidade das convenções sociais, veneráveis em seus fundamentos, mas entendemos que não nos será lícito menosprezar, em tempo algum, aqueles que não conseguiram se lhes ajustar aos preceitos. Sabendo que o aborto, mesmo legalizado no mundo, é uma falha nossa na Terra, estamos certos de que ninguém deveria praticá-lo, seja no regime das convenções humanas ou fora delas. Cremos, desse modo, que uma legislação surgirá no futuro em favor da mulher, que tendo confiado um dia em alguém, teve coragem de não abandonar a criatura indefesa que esse alguém lhe trouxe à vida. Aguardemos, assim, providências humanitárias, em que os homens mais responsáveis criem por si disposições legais magnânimas, baseadas na justiça da vida, com que venham a sanar a falta deixada pelos outros homens, nossos irmãos, que se fizeram pais, sem consciência mais ampla das obrigações que assumiram. (Chico Xavier, Lições de sabedoria.)

Diríamos que a maternidade, em qualquer circunstância, é bênção de Deus. Desde que a mulher tenha a nobreza de assumir a responsabilidade, em decorrência da prática do ato se-

xual, ela se eleva e se recupera perante si mesma e a comunidade onde foi colocada a viver. Pouco importa que se diga não ser uma maternidade legal, porquanto ela é sempre moral, desde que esteja a mãe oferecendo ao fruto daquele momento de amor a oportunidade de uma vida edificante. Diríamos, a essa irmã, que a maternidade deve ser levada adiante porque o aborto, além de ser um crime, é um mal ignominioso, já que é aplicado contra um indefeso. A maternidade, portanto, é dádiva divina. Deve-se recebê-la, pois quem chega é alma sedenta de carinho, que busca um lugar ao sol. (Divaldo Pereira Franco, Informação – Revista Espírita Mensal. n. 347, set. 2005.)

Sim, o aborto impede a reencarnação, adiando-a, porque aquele filho que nós expulsamos, pela interrupção no corpo, voltará até nós, quiçá, em um corpo estranho, gerado em um ato de sexualidade irresponsável. Por uma concepção de natureza inditosa, volverá até nós, na condição de deserdado, não raro, como um delinquente. Os filhos que não aceitamos no lar, penetrarão um dia em nossa casa, na roupagem de alguém de conduta antissocial. Será portador, talvez, de tóxicos para o nosso filho ou para a nossa filha. Aquele que banimos do nosso regaço reaparecerá porque ele não pode ser punido pela nossa leviandade, mas nós seremos justificados na nossa irreflexão, através das leis soberanas da vida. (Divaldo Pereira Franco, Informação – Revista Espírita Mensal. n. 347, set. 2005.)

ESCLARECIMENTOS

A prática do aborto foi um drama real de um espírito cuja existência romanceamos neste livro. Acolhido em um grupo de amparo a entidades sofredoras, relatou seus desequilíbrios que comprometeram-no perante as Leis sábias e incorruptíveis que governam a vida de todos aqueles que jornadaem pelo Universo infinito com o dever de não violentar o equilíbrio do AMOR. Tendo que voltar para quitar-se diante da própria consciência, realizou DOLO-ROSA COLHEITA.

“Não poderá prevalecer a paz na Terra enquanto existir o aborto, porque é uma guerra contra as crianças. Se uma sociedade permite que uma mãe mate seu filho no próprio ventre, como não poderá permitir que não se matem uns aos outros nas ruas?” (Madre Teresa de Calcutá)

CONQUISTA INFELIZ



A SOCIEDADE BRASILEIRA realizou uma conquista infeliz quando reivindicou e conseguiu a legalização do aborto para os fetos anencéfalos.

Ensina Joanna de Ângelis *nada que abone [...] o homem pela prática do aborto delituoso, apesar do desvario moral que avassala a Terra e desnorteia as criaturas.*

Embora saibamos pelos ensinamentos da doutrina espírita que o espírito não regride em sua jornada evolutiva, consideramos que essa conquista infeliz, no sentido moral, foi um passo para trás.

E se foi um passo para trás, infelizmente foi um passo para frente em direção à legalização do aborto por qualquer motivo que a vontade da mulher determinar. Pessoas “boazinhas” comentando a aprovação do aborto de fetos vitimados pela anencefalia se expressam dizendo que as mães não são obrigadas a abortar, apenas legalizou-se o direito daquelas que assim o desejarem fazer. Desse raciocínio “bondoso” para o próximo passo de legalizar o aborto por qualquer causa, a distância foi encurtada. Em direção a essa conquista as pessoas “boazinhas” dirão que a legalização do aborto em todas as situações em que a gravidez for considerada indesejável, será somente para as mulheres que assim o deseja-

rem sem obrigar ninguém a praticá-lo. Dessa forma, os milhares de abortos, que são praticados entre as paredes silenciosas de um lugar desconhecido onde as Leis de Deus também estão presentes registrando os desatinos do ser humano, encontrarão apoio nesse raciocínio “bondoso” de que ninguém é obrigado a abortar, só as mulheres que o desejarem.

Gravidez indesejável? O que não se deseja, se evita. Quem não deseja sofrer uma descarga elétrica colocando o dedo em um fio de energia, evita a determinada fonte, não toca no determinado fio. Gravidez indesejável é apenas um esconderijo para a consciência culpada tentar se esconder, em vão, da responsabilidade de antemão conhecida da conjunção carnal entre dois seres racionais. Seres racionais e possuidores do livre-arbítrio! Como ensina Joanna de Ângelis, *desde que os homens se permitem a comunhão carnal é justo que se submetam ao tributo da responsabilidade do ato livremente aceito.*

Ah, dirão os materialistas: a criatura humana é aquela que já nasceu e, portanto, adquiriu o direito à vida. E o que está sendo gerado no útero de uma mulher? Seria um ser extraterrestre? O que pode se originar da união entre um espermatozoide humano com um óvulo feminino? Um mineral que não sente e não possui direitos? O que éramos no ventre de nossas mães? OVNIS – Objetos Voadores Não Identificados? Quando se atenta contra um feto, esteja ele em que fase da reprodução celular estiver, atenta-se contra um plano de vida que aí tem origem. Atentar contra a vida de quem quer que seja, não importando em

que idade esse plano de vida esteja, é comprometer-se perante as Leis maiores.

O que será mais traumático: a mãe realizar o sepultamento do filho anencéfalo ao qual conferiu o direito de nascer ou matá-lo por meio do aborto dentro de si mesma? Arrancar o ser indefeso e inocente do interior uterino é, sem dúvida, mais fácil do que arrancar o crime do aborto da própria consciência materna. Todos os que são a favor do aborto não falam das consequências após o aborto. Apresentam-no como a solução perfeita para o momento da vida daquela mulher. Fingem não acreditar que muitas mulheres, após essa decisão, caminham para o mecanismo depressivo passando a ser dependentes de medicações por longo tempo, quando não para o resto de suas vidas. Não falam sobre a mudança de comportamento dessas mulheres que, muitas vezes, passam a se relacionar de maneira traumática com os filhos já nascidos por lembrar-se daquele filho que não permitiram nascer. Muitas delas sonham com o filho que não foi consumado. O aborto não é solução para a inconsequência de dois seres: homem e mulher. A medicina e a informação escolar de hoje proporcionam recursos e ensinamentos para que a denominada “gravidez indesejável” não se consume. Medicações e produtos anti-conceptivos existem ao alcance de qualquer interessado. Informações de como usá-los, também.

Dirão ainda os materialistas: mas a mulher tem direito sobre o próprio corpo. Então, deve respeito ao corpo que está sendo gerado dentro dela. Esse corpo depende,

para sobreviver, do corpo materno, mas jamais se confunde com o dela. Não existem dois seres iguais. A constituição genética do feto não é igual à da mulher que o está gerando. Esse novo ser que desponta para a vida tem herança materna, mas também paterna. Não se confunde com a mãe e nem com o pai. Se assim não fosse, de que adiantariam as impressões digitais de cada pessoa? São corpos diferentes, por isso, o direito da mulher sobre o próprio corpo deve respeitar o corpo que ela, inconsequentemente, permitiu que fosse gerado dentro de si mesma.

Mas os materialistas insistem: e as mulheres que morrem vitimadas pelos abortos clandestinamente praticados? A legalização do aborto evitaria milhares de mortes femininas! Insistimos que os meios da medicina atual permitem que se evite a gravidez que não se deseja, não sendo necessário matar por meio do aborto o ser inocente e indefeso que não teve culpa de ser concebido. Muitas pessoas também perdem a vida consumindo substâncias ilícitas pela chamada *overdose*. Será que para evitar essas mortes também deveríamos abrir os hospitais para que consumissem o tóxico em segurança, ou o correto é o combate ao consumo dessas substâncias em suas mais diferentes causas? Luta difícil, bem o sabemos, mas que é a solução para o problema, se quisermos realmente resolvê-lo. Fica a impressão, quando se defende o aborto, que matar é mais fácil do que evitar a concepção. Raciocínio lamentável que bem mostra em que fase evolutiva a humanidade se encontra! Aí está

um dos motivos pelo qual a dor se faz ainda tão presente em muitas vidas. Por isso, ao procurarmos o responsável pelos nossos sofrimentos, contemplemos o espelho da própria consciência.

Por quanto tempo ainda o ser humano ficará fazendo a opção pelo mais fácil e pelo mais rápido, iludindo-se ao pensar que as consequências dos seus atos não virão? Que conseguirão enganar a Lei por nela não acreditarem? Até quando acreditará o homem que o seu regresso para a realidade espiritual está em um futuro longínquo onde realizará a devida prestação de contas e onde haverá “choro e ranger de dentes”? Até quando acreditará que se oculta das Leis que a todos dá segundo as suas obras? Até quando acreditará que as leis humanas conseguirão neutralizar o Código Divino, imutável porque perfeito? Até quando o ser humano fará a opção do “pagar para ver”?

A consciência de cada um trará a devida resposta hoje ou em algum dia, em algum lugar, em algum tempo, porque daqui não sairemos enquanto não pagarmos o último ceutil da dívida livremente assumida...

O autor